

ÍNDICE

PROÉMIO BREVE

O Deambulatório dos Loucos.....	19
---------------------------------	----

A BOCA DO LOUCO

A Boca do Texto	25
O Caminho do Louco	33
O Sonho Sapiencial.....	42
O Poder da Serpente.....	51
O Cristo Castrado.....	53

TERRA PARADISÍACA E TERRA EXÍLICA

Uma Vida de Autenticidade	65
A Floresta do Ser	68
A Floresta Vilipendiada	76
A Duplicidade do Cavaleiro	85
A Visão de Perceval.....	90
O Embuste Cristão.....	96
O Sentido do Mito	100
O Graal Pagão.....	113
As Duas Grandes Tradições do Graal	124

O Eu Superior e o Graal Esotérico	136
Jean Markale, o Inspirado do Graal	144
Terra Paradisiaca e Terra Exílica	149

A VIA LUCIFERINA DO CAVALEIRO

A Revolta de Lúcifer	161
Os Anjos da Gnose	174
Vénus-Lúcifer	181
A Via Luciferina do Graal	185
O Ventre da Mãe	193
O Anjo da Terra	199
O Segundo Eu	211
Arthus, o Sacrificado	216
O Lúcifer Gnóstico	227
A Cavalaria Antinómica	234
A Via da Carne	243
O Louco Iniciado	250
Iniciação e Demanda	257
O Adepto Falhado	265

A DAMA FEÉRICA E O EROTISMO SUCUBÁTICO

A Dama Sapiencial	279
A Dama Rasurada	284
O Guerreiro da Dama	293
O Segredo do Antigo Graal	306
Os Monges Libertinos	313
As Donzelas Feéricas	323
O Erotismo Sucubático	332
A Efigie Corporal	336
A Dama e o Ícone	341

A Magia Vermelha	346
A Concubina Escarlate	355
A Câmara Nupcial	360
A Alcova Ritual	367
<i>Cors Benoiz</i>	371
A Luz dos Mistérios.....	381
O Avatar das Fadas.....	388

O SANGUE REDENTOR E A CEIA MISTÉRICA

O Mistério do Sangue	395
Sacrifica-te e Renasce	406
Verte o teu Sangue	413
A Lança que Sangra	421
<i>A Lapsit Exillis</i>	426
O Veado Graálico	438
O Banquete Mistérico	447
A Procissão do Graal e a Questão.....	453
O Baptismo de Asmodeus.....	460
O Andrógino Primordial.....	465





A BOCA DO LOUCO



*Ainsi je vais entrelaçant/ les mots, affinant les sons:/
comme la langue est enlaçée/ dans le baiser*

BERNART MARTI
séc. XII

A BOCA DO TEXTO

O objectivo de obras literárias como as do Graal é não serem apenas lidas, mas vividas. De que serve o conhecimento se ele não nos transforma? Ler e agir é um processo alquímico em que a palavra é transformada em puro fluir da existência. A partir de então, age-se em acordo espontâneo com o Ser e não mais em função do ditado do existir. A questão que essas obras nos colocam é diferente das obras literárias de cariz existencialista e marxista que conhecemos no século XX. Elas têm o poder de impregnar totalmente aquilo que somos. Tornam-se uma nova Vontade. Um novo Mito. Ler torna-se um acto através do qual fazemos uma aliança daimónica.

Os textos dos *lais* e dos romances medievais em verso da chamada *Matéria da Bretanha*, das quais as histórias do Graal fazem parte e que conheceram a sua notoriedade nos séculos XII e XIII, não são por isso textos mudos para serem lidos em recato e silêncio. Eles têm boca. Na realidade, o substrato céltico e arturiano que começa a ser alterado, justaposto e interpolado, a partir de categorias cristãs, por Chrétien de Troyes e pelos seus sucessores, em fins do século XII, fazia já há muito, provavelmente, parte de uma longa tradição oral. O texto escrito é, então, um sucedâneo da oralidade. Mesmo assim, a história, apesar de escrita, tem como *livro vivo* o corpo do bardo e do *minnesänger* que a decora, altera e adapta, isto é, a representa e a narra, para depois a integrar semanticamente no corpo.



A narração emerge do corpo pela representação teatral. O texto é secundário. A boca do Bardo tem de estar sempre *aberta*, tal como a do louco, seja para cantar ou para tagarelar teatralmente nos grandes salões dos castelos. À luz quente da lareira senhorial semeiam as mentes inebriadas dos castelões e dos nobres guerreiros desocupados com enigmas e cifras que ocultam um Mistério e uma subsequente Iniciação na Câmara Interior do Sonho Sapiencial. Trata-se de uma cifra suficientemente aberta para que cada época a possa reinterpretar de acordo com o *corpus* de referências que o nutre e limita. Num estado de semi-lucidez, sonhador poder-se-ia dizer, homens e mulheres escutavam uma *história* que tinha a astúcia de trazer uma *mensagem* que escapava à censura da consciência diurna, racional e utilitária. O trovador era o *daimon* fertilizando pelo sonho teatral a Alma que o escutava, conduzindo-a a uma viagem interior iniciática pelo limbo do sonho e da vigília. Isso está representado na figura do Cavaleiro em errância, aquele que tem o nome de Perceval ou Parzival, o que passa por entre o vale, isto é, pelo limbo da consciência. Esse Cavaleiro é, de certa maneira, o próprio leitor ou ouvinte do trovador.

Desde então, a partir do meio do século XIII, que a nossa boca ficou fechada, a falar sozinha para dentro, para ninguém nos ouvir. A vigilância clerical e inquisitória obrigava tanto a uma contenção da palavra como do sexo, à abstinência tanto da dúvida como da imaginação. É, por isso, que as histórias do Graal, passados pouco mais de quarenta anos, desde que Chrétien de Troyes escreveu *Perceval ou Le Conte du Graal* em 1190, tiveram que desaparecer. Não definitivamente, pois no séc. XV o cavaleiro Thomas Malory (1416-1471) ainda escrevia *A Morte do Rei Artur (Le Morte d'Arthur)*, mas então já numa perspectiva de mero dispositivo literário, de fingimento estilístico, sem o corpo do bardo para lhe dar vida.

Na mudança cultural que se anuncia desde meados do século XIII o Espírito do Graal tinha de desaparecer, mas não de morrer! Porque o cerne da sua natureza é colocar sempre questões. Colocar questões fundamentais é perigoso para um mundo que se consolida na crença cega e nos dogmas que não se podem questionar. As suas ressurreições literárias no mundo hodierno, desde que o *Parsifal* de Richard Wagner conheceu o seu grande sucesso no salão do *Bayreuth Festspielhaus* em 1882, seja na *Terra Devastada* (1922) de T. S. Elliot ou em *O Rei-Pescador* (1948) de Julien Gracq, ou mesmo em *Baudolino* (2000) de Umberto



Eco, continuam a ser narrativas que nos fascinam. Porém, não nos fazem sonhar nem agir. Desde então só conhecemos o Graal pela *via mentalis* de onde desapareceu definitivamente o corpo e a imaginação epifânica.

Quando Marie de France compôs os seus vários e célebres *lais* em verso, descrevendo encontros amorosos de Cavaleiros com *Faeries*, do Rei Artur e da Távola Redonda, o seu destino não era para ser lido como hoje fazemos, mas para ser cantado nos seus salões de festas, como mandava a tradição dos bardos galeses. Quando Chrétien de Troyes retoma as personagens criadas por Marie de France nos seus *lais* Lanval e Chevrefoil e começa a compor romances em verso, eles já não são escritos para serem cantados mas ouvidos, discutidos e interrogados, como num simpósio platónico. Trata-se de um *roman à clef* (“romance de chave”). Para o compreender é preciso não só conhecer a marca e o sinal (*segnal*) que marca ao longo da narrativa a transição do nível literal para a dimensão semântica oculta, mas também estar atento para poder escutar a *segunda voz*, a que lhe vem da rima, dos silêncios e do respiro, ouvir o verbo portador de um *despertar* que só o pensamento vivo e imaginífico, tomado pelo *Pneuma* (“Espírito”), tem capacidade de captar.

O que aconteceu nesses grupos aristocráticos de ouvintes que, no conforto dos seus castelos, escutavam as lendas do Graal e as interrogavam, foi o despertar de uma *nova vivência do pensamento*. Emerge, então, um *pensamento livre e vivo*. Um pensamento do qual ainda não está exilado o sentir. O pensamento roça, assim, a textura do corpo, do vivido e do sentido. Um modo de pensar que existe ainda permeado pelas forças etéricas, como diz Rudolf Steiner. Ele emerge contra o que então se anunciava como o seu aniquilamento no pensamento morto e abstracto da tradição aristotélica e avicénica das escolas escolásticas organizadas pelos teólogos. Os textos destes poemas narrativos de características feéricas não são blocos semânticos unilaterais e monolíticos. São construídos como os castelos com várias ameias, vestido em camadas como Perceval ou Parzival, o herói das suas narrativas. Por debaixo da sua armadura resplandecente, mas aparentemente dura como o aço, encontra-se o vestuário rústico do louco e do homem cervídeo, isto é, do morto extático e do feiticeiro, do *armier* que dialoga xamanicamente com as almas dos mortos.

O texto do Graal é, ele próprio, o corpo de Parzival. É um texto em camadas. Os autores cristãos querem ver hoje as histórias do Graal



como fundamentalmente cristãs, renunciando mencionar os vínculos viciosos, existentes no tecido semântico da sua estrutura mítica, com o antigo Paganismo céltico e germânico. Subestimam o imaginário pagão e as representações míticas da religiosidade laica, impregnada de simbolismo ante-cristão. Esse é o núcleo da cultura oral ao qual os escritores graálicos vão buscar o húmus para criar as suas histórias disfarçadas de moralização cristã, como já faziam na redacção dos *miraculæ*. Outros consideram que este celtismo, que no fundo é, também, uma criação recente do romantismo literário, caso seja credível e verdadeiro, deveria rasurar a significação cristã das histórias graálicas.

Se víssemos os textos graálicos por camadas, como o duplo vestuário de Parzival, diríamos que existe uma camada arcaica e originária de raiz indo-europeia, de ênfase sobretudo celto-germânica, e uma camada reluzente e enganadora de verniz muito superficial, a parte visível do esmalte cristão que foi posteriormente sobreposta sobre o imaginário oral. Toda a afirmação de que o Graal é uma narrativa cristã é, assim, mais patente nas versões monasticamente domesticadas e de teor catequístico do *Lancelot-Graal* (1210-1250) e do *Perlesvaus* (1210).

Parzival presta-se, ironicamente, muito bem a representar a natureza polissémica destes textos em camadas de sentido, duas camadas e por vezes três camadas, como Laurent Guynot demonstrou³. Mas essas camadas não são apenas sobreposições e ocultações, como a sobreposição do sacramento cristão da Eucaristia sobre um recipiente pagão chamado *graal* ou da armadura do cavaleiro vermelho sobre o vestuário de louco, mas duplicações simétricas como entre Gawain e Parzival, Orgeluse e Repanse de Schoye, numa narrativa fascinada pela duplicidade do mundo ao estilo de uma versão iludente de espelho, cheia de Duplos antitéticos que se encontram e se desencontram.

É necessário perceber que aquilo que se sobrepõe a um texto antecedente de raiz oral e gentilica não é apenas uma camada semântica superficial de erudição bíblica, um verniz de texto *aparentemente* cristão. Neste caso, é uma metástase que reforça, endurece e contextualiza a nova dimensão de consciência redutora, advinda do controle doutrinal eclesiástico, mas que encobre um texto paradigmático e aberto, cheio de intertextualidades, para quem saiba descortinar os “índices

³ Guynot, Laurent. *La Lance qui saigne: Métatextes et hypertextes du Conte du Graal de Chrétien de Troyes*. Paris: Honoré Champion, 2010.



textuais”, os marcadores simbólicos de passagem de um paradigma para outro, por vezes completamente opostos. É preciso saber navegar nestes textos como Perceval, por entre marcadores culturais e textuais, pelo limbo, como o seu próprio nome sugere. Neste sentido, o texto feérico tem brechas, limiares, tanto semânticos como paisagísticos, por onde se pode entrar num *outro sentido*, na própria experiência de *alteridade* que vive o Cavaleiro, isto é, o leitor que virá a ser o verdadeiro Iniciado. Em essência, o Cavaleiro do Graal não é um reflexo do guerreiro sublimado, mas do decifrador, pois o cerne da história do Graal está sempre em saber colocar a questão. O Graal eis a Questão.

O que caracteriza esses Cavaleiros eremitas em busca do Graal, não o do sacramento eucarístico cristão que parece ser uma sobreposição *a posteriori*⁴, é a vivência da *alteridade*, do Outro oculto em si mesmo e contemplado no reflexo resplandecente da Mulher-Faery. Nos textos o Graal nunca tem forma definitiva. Sabendo à partida que se é chamado a encontrar o Graal e que este se esquia a uma forma concludente e absoluta – não há dogma sobre a forma do Graal e foi isso que o fez permeável à domesticação cristã –, o próprio leitor e intérprete destes textos torna-se também um Cavaleiro navegando através da floresta textual. A floresta, com a sua opacidade e reclusão, tem as suas clareiras (*lucus*) e castelos onde se abriga o *sentido*. Tem vestígios de pegadas nos caminhos por entre as silvas e os carvalhos. Pontos de transição aparentemente banais como a travessia de um rio a vau, uma mudança de cavalo ou de vestuário, gestos inusitados e aparentemente incongruentes de transição negativa e positiva, tudo actos que pelo seu *simbolismo de passagem* evocam a própria transição de um Ritual de Iniciação. Mas o Ritual de Iniciação não está em fazer parte de uma Ordem Iniciática que invoque religiosamente o Graal como referência da sua devoção. Se assim fosse, seria uma Ordem Religiosa e não uma

⁴ É muito claro que quando os Cavaleiros saem da Corte de Artur, depois da exortação de Cundrie, vão em busca do recipiente sagrado conhecido por Graal, mas percebem que pelo desvio argótico vão em busca da Dama Vénus, da Mulher Epifânica, como se pode esperar de um guerreiro cortês; pelo caminho caem na ilusão de a encontrarem nas alucinações provocadas por Morgana e morrem na demência alucinatória da sua posse amorosa no Vale sem Retorno, na Brocéliande. Não vão em busca de Cristo ou do seu funéreo sacramento redentor. Vão em busca da Mulher Epifânica que se esconde por detrás do simbolismo do Graal, tal como é requisito da Cavalaria Arturiana.



Ordem Iniciática. O ritual consiste em ler e compreender a história, o relato, e ver as sincronicidades materializarem-se à sua volta como se o templo da sua Iniciação fosse a sua própria vida, de súbito invadida pelas forças anagógicas do sonho e das visões.

Não deixa de ser estranho e comovedor saber como estes textos eram lidos, assimilados e descriptados. O escritor Per Nykrog diz que nessa época medieval “a leitura era uma ocupação da sociedade mundana”⁵ e que estes textos, depois de ouvidos, eram questionados, interrogados, despidos das suas camadas semânticas. O cerne de toda a história do Graal é colocar uma ou várias questões ao Rei-Pescador e curá-lo a si e à Terra Devastada. Mas como é que se pode curar alguém colocando-lhe uma questão? No fundo é colocar uma questão ao próprio texto, pois ele não é a sombra do Graal, nem mesmo o seu mensageiro, mas o próprio Graal. Na *História do Santo Graal (Estoire del Saint Graal – 1230/40)*, que faz parte do *Ciclo do Lancelot-Graal*, um eremita tem a visão de que Cristo lhe entrega um pequeno livro que lhe cabe na palma da mão, dizendo que “dentro estão os meus segredos que eu coloquei com a minha própria mão”⁶. Ele guarda-o num cofre bem aferrolhado, mas no dia seguinte ao abrir o cofre ele havia desvanecido. O livro é do tamanho da sua mão porque necessita de ser sentido para ser guardado e retido, isto é, compreendido. Ele esfuma-se e subtrai-se à nossa posse se não o rescrevermos, o absorvermos e criarmos a nossa própria versão. Não deixa de ser curioso que o que lhe vai permitir reencontrar o *Livro*, o conhecimento da *mensagem secreta* de Cristo, é o facto de ser guiado por “um animal que nunca vira”. Não é um anjo nem a visão de um mártir ou de um profeta, mas um animal. O animal reconduz o monge a Cristo tal como o cavalo reconduzirá Parzival a Muntsalvæesche.

Segundo o romance *Perlesvaus*, existiriam cinco formas pelas quais o Graal apareceria a quem é meritório da Graça Divina. Durante a Eucaristia, o Rei Artur conheceu-as a todas e a última era a do Cálice⁷. O que é *visível* através da literatura cristã do Graal só poderá ser

⁵ Nykrog, Per. *Chrétien de Troyes – Romancier Discutable*. Paris: Librairie Droz, 1996.

⁶ *Lancelot-Grail: The Old French Arthurian Vulgate and Post-Vulgate in Translation*. London: Ed. Norris J. Lacy, 1993-6, I, 4. *L'Estoire del Saint Graal*. Paris: Ed. Jean-Paul Ponceau, Classiques Français du Moyen Age, 1997, I, 4.

⁷ “A história conta-nos que não existiria nenhum cálice nas terras do Rei Artur. O Graal apareceu durante a consagração em cinco formas, mas elas não serão



obviamente o prato onde Jesus Cristo comeu com os seus discípulos o cordeiro pascal e, depois, onde José de Arimateia recolheu o sangue das suas feridas antes de o sepultar. É um recipiente eucarístico cristão, mas que não se revê perfeitamente na mitologia do cálice da Eucaristia católica, nem no cibório nem na patena. Isso só acontece na *Demanda do Santo Graal*, a tentativa final para colocar a mitosofia do Graal sob o controle monástico. Este recipiente eucarístico não é exactamente o mesmo dos eclesiásticos, pois há uma versão eucarística exotérica e clerical e uma versão esotérica e eremítica, que pertenceria ao plano inacessível das visões e do mundo imaginal.

É a polivalência formal do Graal que obriga a que se reescreva constantemente a sua história e as visões em que é revelado. Cada Cavaleiro que chega ao Castelo do Graal vê, se a isso está destinado, a face mais adequada à sua necessidade espiritual, da mesma maneira que ele dá o alimento corporal aos vivos e aos mortos segundo os apetites e inclinações de cada um. Na sua polissemia funcional, o serviço do Graal é obrigar a colocar uma questão ao corpo ferido e amputado do ser humano, à sua existência fracturada, reflexo do Rei-Pescador e Paralítico. Este Velho Rei está amputado, menos pela ablação da sua sexualidade transbordante do que pela cesura da lógica nascente e da crença dogmática que relega no olvido as suas fontes interiores imaginíficas, recalca as emoções que ela despoleta e são agora sustidas e emudecidas pela domesticação intelectual dos eclesiásticos. Quem se move pela *Floresta* e coloca a *Questão* é o Cavaleiro dentro de nós, a nossa Imaginação, o Verbo do nosso *Pneuma* (“Espírito”).

Lembremos que o Graal é um *livro* revisitado em múltiplos livros e do qual conhecemos apenas versões incompletas, reflexos estiolados pelas limitações culturais de cada um dos seus autores. Em *Élucidations* esse *livro* fabulado é atribuído ao Mestre Blihis. É o mesmo manuscrito que é mencionado no *Le Conte del Graal*, de Chrétien de Troyes, como tendo estado na posse de Filipe da Alsácia, Conde da Flandres. É, também, atribuído a Kyot, depois do judeu Flegitanis o ter transcrito a partir da sua decifração nas estrelas, no *Parzival* de Wolfram

reveladas, porque nenhuns dos segredos dos sacramentos serão contados, salvo a quem Deus concedeu a Graça. Mas o Rei Artur viu todas as suas mudanças e a última que apareceu era o cálice.” *The High Book of Grail*, p. 61. *Perlesvaus*, I, 91-92.



von Eschenbach. Ele é chamado *O Grande Livro* por Robert de Boron. Foram muitas as hipóteses colocadas sobre este *Livro* que ninguém encontrou nem seu senão através dos sucedâneos literários dos escritores medievais. Esse *livro secreto* está no Azoth, na Imaginação, e múltiplos livros foram escritos e criados a partir dele. Mais tarde, há-de ser reencontrado no peito de Christian Rosenkreuz no seu sepulcro no Monte Abiegnio e ser guardado e comunicado pela *dive bouteille* de Rabelais, na Abadia de Telema, como pensava Sar Péladan⁸. Poderia acrescentar-se que esse Livro ou Saber foi segredado por *Dame Vénus* aos ouvidos de Tannhäuser quando adormecia reclinado nos seus peitos, depois de longas noites de *orgia*, isto é, da celebração secreta dos Mistérios⁹, dentro da Montanha de Venusberg.

Na alusão literária do Graal como um Livro está, sobretudo, a sugestão do chamado “Livro da Natureza”, a *Anima Mundi*¹⁰, Livro que é Corpo de Mulher, Luz da *Natura Naturans*, transcrito no Cálice que é a voz de Sophia ou da *Shekhinah*, substituto filosófico da Grande Deusa do Paganismo, epifania dévica da nossa própria Alma. Numa outra escala de sentido, ele poderá ter sido simplesmente *qualquer livro* em que se lia a história do Graal. Sabendo-o, os grupos de leitura nos salões dos castelos do Condado de Champagne, em França, nos fins do séc. XII, interrogavam estes poemas narrativos como um *roman à clef* que mantinha encriptado uma mensagem alternativa ao seu valor facial, esse declaradamente cristão. Procuravam os marcadores semânticos e discutiam o seu significado. Esta seria, sem dúvida, a verdadeira Távola Redonda de cavaleiros-intérpretes do Livro-Graal, em círculo, à volta do leitor.

Era uma nova forma de ler e compreender, de entender pelo *pensamento vivificado* pela imaginação feérica. No século XX só mesmo Rudolf Steiner há-de retomar esses impulsos perdidos do pensamento

⁸ “Antes de procurarem o oráculo da diva garrafa [em Rabelais] o nosso ingénuo ancestral procurou o Santo Graal”. Péladan, Joséphin. *Le Secret des Troubadours: de Parzival à Don Quichotte*. Paris: E. Sansot, 1906.

⁹ No mundo grego as palavras *orgia* e *teletai* eram usadas para designar celebrações secretas de Iniciação aos Mistérios (*ta myston orgia*, em *Hercules Furens* de Eurípidas, c. 416 A.E.C.).

¹⁰ Hillman diz que “a *Anima Mundi*, a Alma do Mundo, é a disponibilidade do mundo para a Imaginação da qual estamos separados pelos muros da lógica científica e prático-utilitária”. Hillman, James. *The Thought of the Earth and the Soul of the World*. Dallas: Spring Publications, 1992, p. 101.



criativo, *etérico* como dizia, onde de certa maneira Hölderlin, William Blake, Goethe e Fernando Pessoa, haviam bebido, sem o saber. O Graal seria essa capacidade perdida na maioria da humanidade de apelar a uma forma de *pensar vivo e transfigurante*¹¹. Não tenho dúvidas que nesses conclaves de aristocratas, ainda que muitas vezes não soubessem ler, sabiam escutar e seguir o fio escondido de um pensamento não mutilado pelo real convencional, caminhar pelo vau semântico que se poderia chamar o Caminho do Louco. Para compreender o Graal é preciso vivê-lo, mas para tal, é preciso que nos vistamos de Louco como Parzival, Peredur e mesmo Tristan¹².

O CAMINHO DO LOUCO

O tempo de meditação, leitura e escrita deste livro, sobre a corrente gnósico-luciferina, o que Steiner chamava a *Luzifer-Gnosis*, subjacente aos contos graálicos de Chrétien de Troyes e Wolfram von Eschenbach, coincidiu com um conjunto de experiências no mundo real – o que é o real senão uma configuração semântica do mundo (*Weltanschauung*), suspensa a cada Momento do Tempo Presente, no instante de meu existir/fluir no espaço e tempo? – surgindo numa altura em que desenvolvia, simultaneamente, múltiplas tentativas de compreender a gnose hermetista e herética do Islão, sobretudo dos escritos de Shihabodin Yahya Sohravardi e Al Hallaj. Os vários filosofemas e teologemas da Gnose hermetista islâmica recorrem constantemente de variáveis luciféricas como a aurora, a ascensão da montanha Qaf, a cor esmeralda, a axialidade do norte como oriente místico, experiências transfiguratórias de luz. Todos estes mitemas se entrelaçam sob a forma de um sinuoso subtexto ou voz murmurante por dentro e por debaixo dos textos do Graal, como se uma parte da cultura árabe tivesse atravessado e transvasado para lá das muralhas graníticas dos Pirenéus, nas regiões do Languedoc e desaguado, acima dele, na região de Champagne e na própria Bretanha. Perguntei-me muitas vezes, no

¹¹ Steiner, Rudolf. *Die Philosophie der Freiheit, Grundzüge einer Modernern Weltanschauung*. Berlim: Verlag von Emil Felber, 1894. Reedição: Philosophisch-Anthroposophischer Verlag am Goetheanum, 1983.

¹² Em *La Folie Tristan d'Oxford*, um velho poema francês do séc. XII, Tristan disfarça-se de louco para entrar na corte do Rei Marcos e aproximar-se de Isolda. Hoepffner, Ernest (Editor). *La Folie Tristan d'Oxford*. Paris: Les Belles Lettres, 1938.

